

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS; O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

f Emancipação Socialista

(11) 98702-4048

www.emancipacaosocialista.org

Nº 3 15/07 a 14/08 de 2019

R\$ 2,00

BRASIL: PAÍS DE POUCOS BILIONÁRIOS E MUITOS POBRES E MISERÁVEIS



O TRABALHO PRECÁRIO: SEM GARANTIAS E SEM DIREITOS TRABALHISTAS

PETROBRÁS: O POBRE VAI PERDER COM A PRIVATIZAÇÃO DO REFINO

ACORDO UNIÃO EUROPEIA E MERCOSUL REFORÇA O CARÁTER AGRO-EXPORTADOR DA AMÉRICA LATINA

É PRECISO MUDAR ESSA REALIDADE!

DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”

“PEGO UM AVIÃO E VOU MORAR LÁ FORA. JÁ TENHO IDADE PARA ME APOSENTAR. SE SÓ EU QUERO A REFORMA, VOU EMBORA PARA CASA”

Outra frase do banqueiro Paulo Guedes, que foi membro do governo Pinochet no Chile e atual Ministro da Economia no governo Bolsonaro.

Apontado pela Justiça Federal como beneficiário de fraude na Bolsa em cerca de 560 mil reais. Também é investigado pelo Ministério Público Federal por gestão fraudulenta em Fundos de Pensão com lucro de R\$ 1 bilhão entre os anos 2009/2013.

Fraudador, privilegiado e vai conseguir se aposentar com salário milionário. Já as pessoas atingidas pela reforma da previdência não terão a mesma sorte.



O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

Laranjal do PSL

Depois da queda do Ministro Gustavo Bebianno, da Secretaria-Geral da Presidência, mais duas laranjas podres do PSL, partido do presidente da República, foram presas em operação da Justiça Eleitoral. Mateus Von Rondon, assessor do Ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, teve sua empresa relacionada na prestação de contas das campanhas falsas e

Roberto Silva Soares, coordenador da campanha à Câmara dos Deputados do mesmo Ministro, é suspeito de negociar a devolução das quantias do fundo eleitoral.

O inquérito sigiloso do laranjal do PSL foi remetido por Sérgio Moro, atual Ministro da Justiça, ao Presidente Jair Bolsonaro, o que é grave. Este por sua vez, mostrando a partidarização do ministério, sugeriu a Moro a abertura de novas apurações em face dos demais partidos.

Aerococa

No dia 25 de junho, o sargento da Aeronáutica Manuel Silva Rodrigues foi preso no aeroporto de Sevilha transportando 39 quilos de cocaína no avião presidencial, que fazia escala na Espanha, rumo à reunião do G20 no Japão.

Para um governo que se elegeu prometendo firmeza no combate às drogas e para quem afirmava que os militares seriam a última reserva moral do país, fica o constrangimento internacional.

A hipocrisia no discurso de guerra às drogas é evidente neste caso. As respostas apresentadas pelo staff presidencial foram meticulosamente proferidas. Bem diferente do que ocorre quando a apreensão de drogas é feita nas favelas onde se faz um espetáculo com o assunto.



Fogo no parquinho

As manifestações em prol de Sérgio Moro, atual Ministro da Justiça e da Segurança Pública, foram bem menores que os atos que ocorreram no dia 26 de maio defendendo o governo de Jair Bolsonaro.

Entretanto, um fato ganhou repercussão: a briga entre integrantes do Movimento Brasil Livre e do Direita São Paulo. Ambos saíram em defesa da Lava Jato depois do vazamento das conversas nada republicanas entre Moro e a força-tarefa do Ministério Público Federal, chefiada pelo Procurador Deltan Dallagnol, mas discordam no apoio irrestrito ao presidente.

A credibilidade da outrora sacrossanta Operação Lava Jato foi colocada em xeque, o que não impediu que garotos mimados da direita saíssem às ruas para defendê-la, mesmo que brigassem em público. Que coisa feia!

“Juiz ladrão”

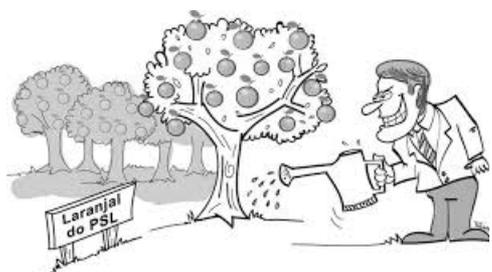
A cada divulgação pelo site The Intercept Brasil das conversas entre o ex-juiz Sérgio Moro e os procuradores da Força-Tarefa da Lava Jato, o atual Ministro da Justiça e da Segurança Pública faz

um contorcionismo para manter sua reputação e uma futura vaga no STF. Ao mesmo tempo que não nega as conversas vazadas, Moro atribui o vazamento à atuação de hackers para não dar credibilidade ao conteúdo divulgado.

Sendo contraditado tanto na Câmara dos Deputados como no Senado Federal, o ex-juiz se viu no papel de acusado e com muito cinismo admitiu que não tem apego ao cargo. Mais assertivo foi o deputado Glauber Braga (PSOL/RJ) que o chamou de juiz ladrão, provocando a ira da base do governo e encerrando a sessão na CCJ da Câmara.

Os principais veículos de comunicação, com exceção da Globo, já não defendem a conduta de Sérgio Moro como fizeram no passado. Também a popularidade do ex-juiz e ex-herói nacional vem despencando, apesar de um núcleo duro, mais ligado ao bolsonarismo, ainda o defender a qualquer custo.

A queda do ministro mais popular de Bolsonaro abalaria as estruturas do atual governo. É impossível prever um desfecho, apenas que a crise se prolongará com mais vazamentos da farsa montada pela operação midiático-jurídica chamada Lava Jato.



EXPEDIENTE

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativista de esquerda mesmo de caráter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista

é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência as ideias de Marx, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E DA VIDA

Você tem visto ultimamente mais pessoas vendendo coisas nas ruas, estações e transportes? Mais pessoas desempregadas ou sobrevivendo em situação de rua? Muitas pessoas trabalhando com aplicativos, leva e traz de passageiros, entregador para restaurante de fast-foods? É isso. A quantidade de pessoas vivendo nessas condições aumentou.

Esse momento que vivemos é de crise e precisamos falar sobre isso. É justamente durante os períodos de crise que piora as condições de vida e aumenta o número de pessoas desempregadas e em trabalho precário. Sem opção, as pessoas vão atrás de alguma forma para gerar renda e sobreviver com trabalho autônomo, terceirizado, bico e vários outros sem nenhum direito trabalhista.

SOBREVIVER A QUALQUER CUSTO

O trabalho precário não proporciona nenhuma proteção e não possui direitos básicos que um trabalhador ou trabalhadora com carteira assinada sempre possuiu.

Um exemplo é do entregador (com bike ou moto) que não possui seguro para acidente ou mesmo algum tipo de atendimento diferenciado em caso de mal-estar durante o horário de trabalho. Recentemente vimos o triste caso de Thiago de Jesus Dias, trabalhador da Rappi, que passou mal e não obteve o socorro da empresa e nem dos serviços públicos acionados.

A precarização do trabalho no Brasil está relacionada também com

o papel internacional do país na economia dependente capitalista, há necessidade de o capital intensificar a exploração sobre a classe trabalhadora brasileira para a burguesia, inclusive mundial, manter ou aumentar o lucro.

E sempre que há crise aumenta a exploração: demite uma parcela de trabalhadores e da outra parcela passa a retirar direito trabalhista que foi difícil conquistar, deixa de assinar carteira de trabalho ou cria a verde-amarela, aumenta a jornada de trabalho ou estabelece a intermitência (sem jornada determinada), retira folgas, empresa “contrata” como “microempreendedor” para não pagar direitos, etc. Com isso, se faz uma Reforma Trabalhista e se destrói legislação como a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

COM FORMAÇÃO OU SEM FORMAÇÃO

Há um debate que diz “o trabalhador precarizado não possui qualificação”, mas não é isso e muitas pessoas qualificadas estão desempregadas, em trabalhos precários, em eternos estágios, fora da área de sua formação ou desalentados. Segundo a pesquisa do IBGE, Pnad Contínua, cerca de 1,4 milhão de brasileiros com ensino superior completo estavam sem trabalho no primeiro trimestre e a renda média caiu 0,9%.

Ruy Braga – estuda o precariado (trabalhadores que vivem sempre de trabalho precário ou ficam pouco tempo no mercado de trabalho formal) – afirma que esse setor

de trabalhadores é composto também por jovens. E é visível.

Na busca pelo primeiro emprego, na demora em encontrá-lo, nas infundáveis filas na hora da procura e diante de necessidades econômicas parcela dos jovens se submete à precarização. Hoje podemos dizer que boa parte está na área de telemarketing, por exemplo, submetida à forte pressão por metas, ao adoecimento e à falta de direitos trabalhistas.

DESDE A JUVENTUDE

Parcela dos jovens, já no primeiro emprego, já sofre com a precarização trabalhando em lojas de shoppings, hipermercados, telemarketing, etc. Não é estimulada a continuar os estudos, mas é incentivada a trabalhar mais, disputar com seu colega de trabalho a vaga de emprego e a função e abrir mão dos direitos.

Também é comum para quem mora na região metropolitana de São Paulo ver pessoas com coletes da ONG Greenpeace pedindo doações mensais. O nome dado para essa categoria é Captador de Recursos, trabalha seis horas ao dia de pé, na rua e com dificuldade de acesso até mesmo ao banheiro, ou seja, sem condição decente de trabalho.

Poderíamos citar vários tipos de subempregos que por conta da condição de vida, da necessidade de trabalhar e da alta taxa de desemprego os jovens (18 a 24 anos) são obrigados a se submeter. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a taxa de desemprego de forma geral está em 11% e entre os jovens sobe para 26%, considerando que muitos já têm até desistido de procurar emprego. E a Reforma do Ensino Médio está preparada para ajustar as escolas e o ensino a essa situação.

Além disso, com a Reforma da Previdência, o direito à aposentadoria fica muito mais distante e, o tempo todo, será medida a necessidade do mercado de trabalho entre empregar o jovem ou o mais velho



desempregado.

A UBERIZAÇÃO

Uma maneira de transformar algo velho em algo novo é uma das formas dos capitalistas continuarem lucrando e com a Uber foi assim. O funcionário praticamente não é funcionário, pois trabalha quando quer e quanto quer. Aparenta ser um tipo de trabalho com total liberdade.

Mas, sabemos que não é assim. Nesse último período até uma greve em vários países do mundo (iniciada nos Estados Unidos) foi realizada por salários melhores e, no caso do Brasil, além disso, foi também por maior segurança já que há registros de assassinatos e roubos durante o horário de trabalho.

Foi um tipo inovador de greve, pois ocorreu em várias partes do mundo ao mesmo tempo, com pauta semelhante, de forma semelhante e envolvendo o principal protagonista dessa história, que é o motorista.

Poderíamos continuar a dar uma infinidade de exemplos sobre a piora das condições de vida e de trabalho do proletariado brasileiro, que em sua maioria não se reconhece enquanto classe trabalhadora explorada. Dessa forma, não atua no dia a dia para transformar essa situação. E permanece explorada por outra classe social, que se reconhece enquanto burguesia (ricos, milionários, etc.), se organiza e se unifica para manter o controle da sociedade.

Portanto, precisamos (ambulantes, entregadores, desempregados, bicos, captadores, motoristas, etc.) de indignação e criatividade para reverter essa situação com novas formas de luta ou velhas formas transformadas em novas e com a unidade de toda essa classe trabalhadora para enfrentar os capitalistas exploradores e o capital.



BRASIL, PAÍS DA DESIGUALDADE SOCIAL

Petróleo, terras agricultáveis, água doce abundante, minério, parque industrial, florestas e um longo etcetera de riquezas. No entanto, por que somos um país com tantos problemas sociais e tanta miséria?

A resposta é muito simples: desde a colonização do Brasil as potências econômicas nos impuseram a ferro e fogo um papel no mercado mundial, que é o de fornecer aos países industrializados matérias-primas e produtos agrários. Importante frisar que foi uma imposição e não uma escolha.

Com isso, esses países puderam acelerar sua industrialização, baratear o valor de suas mercadorias e depois enviarem para cá com preços muito superiores. O Brasil perde duas vezes: quando envia matéria-prima com preços determinados pelos países industrializados e quando traz para cá os produtos já industrializados, bem mais caros que produtos agrícolas.

Além disso, sempre houve o roubo direto de nossas riquezas minerais, como o ouro que enche os cofres das metrópoles.

Hoje a situação continua. São várias e poderosas multinacionais atuando no Brasil nos ramos bancário, petrolífero, agrário, no controle do mercado de automóveis, na indústria de remédio e química, dentre outros tantos ramos.

Dois exemplos de como a riqueza do país vai embora: Com a remessa de lucro (2017 quase U\$ 14 bilhões saíram do Brasil) e com o pagamento da Dívida Pública interna e externa, controlada em grande parte por especuladores estrangeiros. Somente

esses dois mecanismos já retiram bilhões e bilhões do país.

Essa imposição na divisão do trabalho no mundo explica como os países permaneceram ricos e poderosos enquanto o Brasil (e vários outros) permanece pobre.

Podemos dizer que a causa da pobreza e dos males no Brasil (e no mundo) é o capitalismo, ou seja, está para além de um ou outro governo. É a história do Brasil que vem desde a colonização (expansão do capitalismo europeu pelo mundo) até hoje.

Abordaremos em outro momento, mas o recente acordo Mercosul e União Europeia segue essa mesma lógica de exportação de produtos primários e importação de produtos industrializados, ou seja, ao não derrotarmos esse sistema social nossa saga segue na mesma direção.

A FOME AMEAÇA DE MORTE MILHÕES DE PESSOAS NO BRASIL

O Brasil produz quase 230 milhões de toneladas de alimentos por ano, uma das maiores do mundo. Uma potência agrícola capaz de alimentar toda a sua população e ainda abastecer povos de outros países.

No entanto, a maior parte dessa produção é para exportação, pois dá mais lucro do que combater a fome no país. É a forma do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

E olha a absurda contradição.

De acordo com o último relatório da FAO (órgão da ONU para agricultura) entre os anos 2015-2017 foram 5,2 milhões de pessoas “subalimentadas”, ou seja, passando fome no Brasil.

Pelo mesmo relatório foram mais de um milhão de crianças, menores de 5 anos, com atraso no crescimento e 15 milhões de mulheres, com idade entre 15 e 49 anos, com anemia.

A fome é especialmente cruel com a parcela da população acima de 60 anos. Por dados do SUS, todo ano quase 5 mil pessoas morrem de fome no Brasil.



Certamente esses números aumentaram por conta do aumento do desemprego, da retirada de políticas públicas, etc.

AUMENTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

No inverno as temperaturas de muitas cidades, como do Sul e de São Paulo, ficam abaixo de 10 graus e em algumas até mesmo próximo de zero.

Para quem está agasalhado e tem uma casa para se acomodar é somente um desconforto, mas para mais **de 100 mil pessoas (dados de 2015 porque não se fez mais aferição) que vivem em situação de rua pelas cidades do país as noites ficam mais longas.**

Há que suportar o frio, muitas vezes, acompanhado da chuva que torna a situação ainda mais grave.

Nessa época muitos morrem e não por conta do frio, mas por não terem onde morar. Somente na cidade de São Paulo são mais de 15 mil, no ABC Paulista são mais de 1300, na capital do Rio de Janeiro são 5000 e em Porto Alegre mais de 2000 pessoas.

Lembramos que esses dados oficiais estão defasados, mas basta um olhar mais atento por onde passamos para perceber que tem aumentado muito a quantidade de pessoas nessas condições.

É comum a imprensa e o governo associarem essa população à dependência química. Evidentemente querem esconder esse problema e tratar como se fosse um desajuste da pessoa. Nada mais enganoso.

A maioria das pessoas (muitas famílias) que está em condição de rua é por uma imposição da realidade econômica: o desemprego, ocupação sem renda suficiente para pagar aluguel, falta de financiamento público para habitação popular, etc.

O DÉFICIT HABITACIONAL

As pessoas em situação de rua expressão de um problema muito maior: o déficit habitacional. Seriam necessárias 7,7 milhões de unidades para garantir que todos tivessem acesso ao direito básico de moradia. Em São Paulo, o estado mais rico, o déficit é de mais de 1,1 milhão de habitações.

Para chegar a esse número os institutos de pesquisas consideram os gastos excessivos com aluguel, moradias precárias, coabitação familiar e adensamento excessivo (mais de 3 pessoas por dormitório).

Nesses dados estão quase 1 milhão de moradias em condições impróprias (de papelão, barracos, lata, etc.). **Caso consideremos em média 4 pessoas por família, são pelo menos 4 milhões de pessoas que moram nessas condições degradantes.**

O déficit habitacional é também uma das formas de demonstrar como no capitalismo o lucro é mais importante do que tudo: Segundo a FGV, em 2015 existiam quase 8 milhões de domicílios desocupados, destinados à especulação imobiliária.

E A POBREZA

A pessoa sem o mínimo necessário para sobreviver, que ganha um salário mínimo para sustentar a família, considerando-se os preços altos dos alimentos, do aluguel, etc. pode-se reconhecer muito pobre. E é mesmo.

No entanto, pelo critério do Banco Mundial, e adotado pelo Brasil, essa pessoa ainda não está nessa condição. São consideradas extremamente pobres quando a renda é inferior a US\$ 1,90 por dia (próximo de R\$ 7,30). E está abaixo da linha de pobreza quem tem rendimento inferior a US\$ 5,50 por dia (mais ou menos R\$ 21,00).

Segundo dados do próprio IBGE, **no Brasil, 55 milhões de pessoas estão “em situação de pobreza” (menos de R\$ 400 por mês) e desse total, 15,2 milhões de pessoas são consideradas “extremamente pobres” (menos de R\$ 140 por mês).**

E as pessoas tem algum rendimento (trabalho formal ou não), **metade ganha menos que 1 salário mínimo ao mês.**

A pobreza, a concentração de renda, a desigualdade e os problemas sociais são decorrências não só da crise econômica, mas da própria lógica capitalista.



NO CAPITALISMO: QUANTO MAIS RIQUEZA SE PRODUZ, MAIS MISÉRIA

O capitalismo é um sistema social em que se produz muita riqueza. E é um sistema muito contraditório, pois produz coisas úteis para a humanidade, mas também produz coisas capazes de destruir a própria humanidade, como é o caso da bomba atômica.

No entanto, a riqueza útil produzida não é para atender as necessidades da humanidade, mas apenas e tão somente para gerar, manter e aumentar o lucro. Caso seja arma que dá mais lucro, produz-se arma; caso celular seja mais lucrativo, produz-se celular; caso arroz e feijão não sejam tão lucrativos, produz-se soja para

exportação que é mais lucrativo.

Para essa sociedade funcionar tem muitas contradições.

Destacamos duas:

◆ Quem produz toda a riqueza é a classe trabalhadora, mas quem se apropria de toda essa riqueza produzida é a burguesia, os ricos. Segundo a ONG OXFAM, apenas 26 pessoas detêm uma riqueza igual a riqueza de 3,8 bilhões de pessoas. A metade mais pobre do mundo vive com menos de US\$ 5,5 dólares por dia, aproximadamente R\$ 20.

◆ E mesmo com as crises, os ricos continuam tendo muito lucro: Desde o início da crise econômica em 2007, o número

de bilionários saltou de 1125 pessoas para 2208 e aumentaram sua riqueza em mais US\$ 2,5 bilhões de dólares por dia.

◆ A fome atinge em todo o mundo mais de 800 milhões de pessoas. Enquanto isso mais de 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são desperdiçados. Esse desperdício é por perda na produção por conta da variação de clima (a forma de produção no capitalismo é a causa da maioria dos problemas ambientais), falta de incentivo para pequeno produtor e, em muitos lugares, simplesmente destroem alimentos para elevar o preço no mercado.

DE GOVERNO EM GOVERNO, SEMPRE RUIM PARA A CLASSE TRABALHADORA

Bolsonaro é um governo desgraçado e precisa ser derrotado, pois é a expressão de um projeto que o capital tem para o Brasil.

No capitalismo, os grandes grupos econômicos como banqueiros e empresários para manterem privilégios e riquezas buscam total controle sobre as economias dos países e, mesmo com as crises, seguem extraindo riquezas e mantendo suas altas taxas de lucro.

Para isso, colocam governos (como Lula ou Bolsonaro) para fazerem o “trabalho sujo”, aplicarem medidas como se fossem para o “interesse geral e da nação”, mas na prática são para intensificar a exploração sobre a classe trabalhadora de conjunto.

É o Estado servindo aos

ricos. E nos momentos de grande expansão do capital aparecem algumas “migalhas” para a parcela mais pobre da classe trabalhadora, na forma de algum programa social (PROUNI, Bolsa família, etc.).

Como a crise é muito profunda e de larga duração, os capitalistas buscam medidas para garantir o lucro. Por isso, eles defendem essas medidas “para ontem”. A razão de tirarem Dilma e o PT, como dissemos em outra ocasião, foi por não conseguirem aplicar na mesma velocidade as medidas desejadas pelo grande capital.

A luta contra a Reforma da Previdência é um bom exemplo. Conseguimos derrotar a versão apresentada por Temer em 2017, mas bastou mudar o governo que já veio outra Reforma.

Lutar contra qualquer governo de plantão é, sem dúvida, fundamental para manter qualquer conquista e para frear os ataques sobre os nossos direitos. Mas, a luta não pode parar nas necessidades imediatas, pois todos esses problemas enfrentados pela classe trabalhadora estão interligados e somente serão resolvidos por completo com a derrubada do capitalismo.

Por isso necessitamos lutar também contra o capitalismo. Enquanto não derrotarmos empresários e banqueiros vamos sofrer com todo tipo de exploração, com os ataques aos nossos direitos, com o desemprego, a fome e a miséria, pois o lucro e a riqueza deles dependem da nossa pobreza.

SÓ A REVOLUÇÃO SOCIALISTA PODERÁ GARANTIR BEM-ESTAR PARA TODOS

De acordo com o IBGE, com pouco mais de R\$ 120 bilhões por ano a pobreza poderia ser erradicada no Brasil. Uma mixaria considerando que somente para os especuladores e agiotas da Dívida Pública são pagos mais de R\$ 1 trilhão. Mas, nenhum governo que defenda a burguesia vai fazer isso.

A lógica do Estado não é atender os pobres, pelo contrário, é contra os pobres. O Brasil é um exemplo também nessa questão. A lei do teto de gasto público (EC95), a Lei da terceirização, a Reforma Trabalhista e agora a Reforma Previdenciária são medidas que aprofundam a pobreza e a desigualdade social.

E sabemos ainda que o governo Bolsonaro prepara outras medidas para atacar quem precisa trabalhar para sobreviver, como é o caso da Reforma Tributária que vai isentar ricos e empresas e aumentar a taxa sobre os mais pobres.

O CAPITAL É INCONTROLÁVEL

Com os 13 anos do PT no governo foi semeada a ilusão de ser possível governar a favor dos pobres. Mas, o fato de os dados sobre pobreza serem tão gritantes, desmistifica essa ilusão. As políticas públicas (Bolsa Família, PROUNI, política para salário mínimo, etc.) puderam ser aplicadas enquanto havia forte crescimento na economia. No entanto, bastou vir a crise, essas políticas públicas foram paulatinamente retiradas, aliás, já a partir do segundo mandato de Dilma.

Tem uma fala de Lula bem reveladora sobre esse processo: “Meu governo é igual coração de mãe. Os ricos vão continuar ganhando dinheiro, mas têm que tirar um pouquinho para os mais pobres”. Então, não se tratava de enfrentar as causas da desigualdade, mas de “diminuí-la um pouquinho”. O resultado já conhecemos.

Para nós, a grande lição de todo esse processo é exatamente a comprovação de que o capital e os capitalistas não podem ser controlados. A história já demonstrou que por dentro do Estado e com controle de instituições é impossível realizar as mudanças necessárias para a classe trabalhadora.

Só um processo revolucionário (com a unidade de toda a classe trabalhadora) é capaz de enfrentar esses desmandos do capital, de seus governos e assim acabar com a miséria e a pobreza.

A Revolução é uma necessidade histórica da classe trabalhadora para atacar a propriedade privada dos meios de produção, base e causa de sua exploração. É Revolução porque a burguesia jamais abrirá mão pacificamente de seus privilégios obtidos com a exploração sobre a classe trabalhadora e também porque na história a burguesia é a classe que mais utilizou a violência contra outras classes.

REFORMA TRABALHISTA AMPLIA AS DESIGUALDADES

Quando a Reforma trabalhista foi aprovada, em novembro de 2017, a taxa de desemprego estava em 11,6%. O argumento para aprová-la era a geração de empregos. Em junho desse ano, a taxa de desemprego está em 12,3% e representa 13 milhões de pessoas desempregadas.

A chamada “taxa de subutilização” – desempregados; os que trabalham menos que o necessário e os desalentados, que já desistiram de

procurar emprego – continua alta e já são 28,5 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente 25% da população em condições de trabalhar.

vê-se que desemprego não diminuiu e os poucos empregos que surgiram, 78%, são com contrato intermitente e jornada parcial, ambos precários e com poucos direitos garantidos.

E essa situação tende a piorar. Dados da FGV indicam que se houver um crescimento de 2% ao ano, só em

2033 a taxa de desemprego ficará abaixo de 10%. Como a tendência é a crise econômica se manter ou até piorar, as altas taxas de desemprego irão seguir.

O desemprego e a redução da renda (trabalho precarizado e da informalidade) terão como efeito também o aumento das desigualdades sociais e o aprofundamento da concentração de riqueza. Isso significa manter a tendência de distanciamento entre ricos e pobres.

PRIVATIZAÇÃO DA PETROBRÁS: A VENDA DO REFINO

Esse ano o Governo Bolsonaro/Guedes colocou à venda mais da metade do parque de refino Petrobrás. Estão à venda, junto com ligações por terminais e tubulações, as Refinarias: RNEST (Pernambuco), RLAM (Bahia), REGAP (Minas Gerais), REPAR (Paraná), REFAP (Rio Grande do Sul), REMAN (Amazonas), LUBNOR (Ceará) e SIX (Paraná).

OS PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS

O preço dos combustíveis tem sido um dos principais debates nos últimos anos. De um lado os que defendem que a Petrobrás deve focar o bem estar social e vender os combustíveis a um preço que atenda às necessidades da população. De outro a visão que defende que a Petrobrás deve maximizar lucros de acionistas e os preços devem seguir oscilações do mercado internacional.

O ápice da política de preços internacionais se deu na administração Temer/Parente (2016-2018), em que o peso da balança era para maximizar os lucros de acionistas. Os combustíveis foram vendidos seguindo os internacionais. O resultado foi a elevação do preço e o aumento da importação de derivados, o que culminou na Greve dos Caminhoneiros seguida da Greve dos Petroleiros (2018).

Ao mesmo tempo, grandes grupos econômicos faziam pressão no Conselho Administrativo de Defesa

Econômica (CADE). Alegavam que a Petrobrás, através de um suposto monopólio, praticava preços abaixo do mercado a fim de impedir que concorrentes construíssem suas refinarias e entrassem na disputa. Para a população, dado a influência na mídia, o que se conseguiu foi a façanha de informar que o suposto monopólio da Petrobrás gerava aumento dos preços.

O Presidente da Petrobrás, Pedro Parente, perdeu o cargo, devido principalmente à Greve dos Caminhoneiros. Mas, a política de maximizar lucros de acionistas não foi eliminada. Para sair da contradição de ser controlada pelo Governo e prejudicar a população, a solução tomada pelos poderosos foi vender, privatizar, entregar metade das fábricas de combustíveis do país para grandes grupos internacionais. Desta forma, o governo perderá muita na afluência dos preços da gasolina, gás de cozinha, diesel, etc.

IMPERIALISMO QUER DETERMINAR NOVO PAPEL NO COMÉRCIO MUNDIAL

Além do preço, o controle do refino de hidrocarbonetos é item essencial à soberania nacional. Alimentos, vestuário, remédios, armas, plásticos, asfalto, fertilizantes são alguns dos itens produzidos que utilizam diversos derivados de petróleo. Ao entregar estas indústrias para grandes grupos internacionais, retornaremos a uma condição de

dependência direta do poder de grandes potências estrangeiras na produção desses itens.

No momento o discurso é de que a Petrobrás deva focar no mais rentável em curto prazo, naquilo que tem “vocaçào”, em exportar petróleo. Esse discurso já é uma forma de manter o país na sua condição de dependente das metrópoles, de exportador de commodities e importador de derivados refinados.

Esse cenário é ainda pior, pois o que estão fazendo é a privatização da Petrobrás. Não é “qualquer ativo”, muito além da entrega de metade do refino aos estrangeiros está se deixando de atuar em diversas cidades, está saindo do setor Petroquímico, das Fafen’s, do Biodiesel, das Termoelétricas, vendendo gasodutos estratégicos, vendendo prédios administrativos, vendendo áreas de exploração de petróleo, desmobilizando diversas plataformas, vendendo a BR Distribuidora, inviabilizando a Petros (Fundo de previdência dos petroleiros atrelado a Petrobrás). É trágico!

PRIVATIZAR FAZ MAL AO BRASIL

HORA DE OS PETROLEIROS ESCREVEREM A HISTÓRIA

Os petroleiros são uma das principais categorias profissionais do país. Produzem o gás de cozinha, a gasolina, o óleo diesel, etc. Seu trabalho gera lucros astronômicos para acionistas internacionais e nacionais, que vendem caro esses produtos, extorquindo os brasileiros.

É hora de aprender com o passado, usar as organizações que a categoria construiu até aqui – não é hora de discutir se deviam ser melhores – e preparar um Contra-Ataque semelhante ao que os Caminhoneiros fizeram no ano passado. Uma luta que de fato cause impacto no bolso dos senhores do mundo. Que defenda redução de preços do gás de cozinha, da gasolina, do diesel! Que seja contra a Privatização! Contra a Venda de Ativos e subsidiárias!

Agora no segundo semestre esta é a nossa tarefa, a tarefa dos Petroleiros, defender uma bandeira que deveria ser de todo brasileiro!

REFINARIAS: UMA MINA DE OURO

Os campos de petróleo estão entre os recursos mais cobiçados no mundo. Guerras e invasões são feitas por grandes potências em busca de algo que estamos “vendendo”.

As refinarias são as fábricas que transformam o petróleo em gasolina, gás de cozinha, óleo diesel, gás combustível, querosene, coque, além de outros derivados que servem de matéria prima para a indústria petroquímica produzir plásticos, materiais para construção civil, calçados, tecidos, móveis, peças para automóveis, fibras, borracha sintética, material empregado em eletroeletrônicos, fertilizantes,

defensivos agrícolas, armas, etc.

A BR Distribuidora é considerada o filé mignon, um dos maiores faturamentos do país. Além de sua importância estratégica: fecha a batalhada meta do “poço ao posto”. A distribuição de combustíveis é essencial para uma aplicação de política de preços ao consumidor. Se o país não controla a distribuição e os preços ao consumidor seguem regras de mercado, por mais que se baixe o preço do combustível nas refinarias, o preço ao consumidor se manterá com foco em lucros exorbitantes pelo caminho.



A RECOLONIZAÇÃO DO BRASIL E DE PAÍSES SUL-AMERICANOS NO ACORDO ENTRE A UNIÃO EUROPEIA E O MERCOSUL

Após vinte anos de discussão, que se iniciou no governo de FHC e passou pelos governos petistas, no mês de junho, em Bruxelas, os países do Mercosul e a União Europeia “fecharam” um pré-acordo de livre comércio que prevê mudanças de tarifas comerciais e que uma série seja zerada entre os blocos.

Com cláusulas ainda obscuras, que dependem de aprovação no parlamento europeu com 28 países envolvidos e nos parlamentos desses países, o pré-acordo surge como resposta às necessidades das grandes corporações no interior da UE. Após a saída da Inglaterra desse bloco econômico, em se afirmar como defensora do “livre comércio”, o bloco coloca-se como alternativa ao “protecionismo” do Donald Trump, em guerra comercial com a China.

Na euforia com as negociações de Bruxelas, o governo Bolsonaro e os grandes meios de comunicação divulgaram que o pré-acordo poderá representar um incremento de US\$ 87,5 bilhões (R\$ 336 bilhões) em 15 anos para o PIB brasileiro, podendo chegar a US\$ 125 bilhões (R\$ 480 bilhões) porque dará ao Brasil o acesso a um mercado de mais de 750 milhões de habitantes. Mas, pelos próprios números festejados pelo governo brasileiro, o pré-acordo levaria somente a 0,4% de aumento na produção nacional anual do Brasil.

UM ACORDO PARA FAVORECER QUEM JÁ É FAVORECIDO

Vejamos, então, grosso modo, alguns termos do pré-acordo: os

produtos industriais europeus como automóveis, as suas peças, equipamentos industriais, produtos químicos, farmacêuticos, vestidos e calçados entrariam no Mercosul, sem pagar qualquer imposto de importação. Em um prazo de cinco a dez anos passaria, paulatinamente, das atuais tarifas à redução de tarifa até chegar à tarifa zero. Já produtos agroalimentares sofisticados da UE como vinhos, chocolates, uísque e outros destilados, queijos, biscoitos, pêssegos em lata e até refrigerantes entrariam de imediato sem barreiras nos países do Mercosul.

Em consequência, com a tarifa zero em vigor para os insumos industriais nos países do Mercosul, grandes corporações com matrizes na UE como Volkswagen e Mercedes Benz estariam com as mãos livres para importar a maioria dos componentes industriais, o que faria deixar de existir a maioria dos empregos industriais, pois somente seria montado aqui e nos países do Mercosul o produto final.

Outro aspecto do pré-acordo é que com a liberalização do comércio intracorporações possibilitaria as corporações instaladas na Europa e no Cone Sul ampliar a disputa entre seus trabalhadores, deslocando a produção para onde têm menores salários e mais frágeis direitos trabalhistas. Com isso, se aumentaria a chantagem sobre a força de trabalho para que aceitasse as condições colocadas pelos capitalistas a fim de não perder os seus empregos.

Já a indústria de bens de capital, motor da indústria capitalista de qualquer país – que fabrica máquinas e equipamentos e que exige uma mão de obra mais qualificada e, em consequência, com salários maiores – seria substituída pelas importações, o que geraria a devastação do que resta de indústria nacional dos países do Mercosul, diante da concorrência de

empresas europeias com acesso muito maior à tecnologia e ao financiamento dos grandes bancos europeus.

Além disso, haveria a liberalização do setor de serviços (já bem desprotegido por legislações próprias de cada país do Mercosul), com acesso efetivo de empresas europeias a diversos segmentos como comunicação, construção, distribuição, turismo, transportes e serviços profissionais e financeiros. Também aumentaria o direito de patentes de grandes corporações farmacêuticas europeias, com restrições à produção de medicamentos genéricos.

E, por fim, o pré-acordo celebrou o “direito do investidor” das grandes corporações e empresas europeias, através da ampliação dos chamados “tribunais arbitrais”. Esses funcionariam por fora das legislações de cada Estado nacional do Mercosul, amparados prioritariamente pelo “direito do investidor”, que garantiria indenizações assim que uma grande corporação se sentir prejudicada por uma lei ambiental ou uma lei social.

RECOLONIZAR PARA SUPEREXPLORAR

Já o Brasil e os demais países do Mercosul exportariam, caso o acordo seja confirmado, produtos agropecuários. Como vemos, o agronegócio seria o principal setor beneficiado pelo pré-acordo, com a exportação de matérias primas.

Mas, mesmo nesse ramo a UE teria salvaguardas adicionais. Por exemplo: produtos como carnes, açúcar e etanol teriam limites máximos de exportação. Também os europeus poderiam invocar o “princípio da precaução”, que bloquearia a importação de produtos suspeitos de trazerem danos à saúde ou ao meio ambiente. Ademais, a importação de produtos agrícolas para a UE tem como parceiros prioritários as ex-colônias europeias na África e na Ásia e não o Mercosul.



No caso, o “favorecimento” aos produtos agrícolas do Mercosul teria como objetivo central detonar a luta dos camponeses europeus contra a importação agrícola. Esses têm obrigado os Estados europeus a subsidiar a sua produção e a ficar com uma cota da mesma. Adeptos da pequena propriedade e de um modelo agrícola que valoriza o produto orgânico, o local e o cooperativo, os camponeses europeus, seriam duramente golpeados por uma produção baseada no latifúndio, na expulsão dos trabalhadores rurais, nos agrotóxicos e na devastação da natureza.

Portanto, a classe trabalhadora brasileira, do Cone Sul e da Europa não tem nada a comemorar com o pré-acordo do Mercosul e da UE. Somente atende aos interesses das grandes transnacionais, do capital rentista, do agronegócio. Golpeia os camponeses europeus. Fomenta-se ainda mais uma mão de obra superexplorada, desqualificada e barata no Brasil, sem direitos, de comum acordo com as contrarreformas (Trabalhista e Previdenciária) que estão sendo implementadas. Enfim, se destrói o que sobrou do parque industrial do Brasil e dos países do Mercosul, transformando os mesmos em colônias exportadoras de soja, cana e minérios.



Agricultores franceses contra o acordo UE-Mercosul

UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O DOCUMENTÁRIO “DEMOCRACIA EM VERTIGEM”

A partir desse documentário que está disponível na Netflix, verificamos um resgate interessante que Petra Costa faz do período recente do cenário político do país, com destaque para o impeachment de Dilma e a prisão de Lula. Ela como boa parte da esquerda e o PT, compreendem que esse processo fragilizou nossa democracia e coloca em questionamento o avanço e o progresso do país após a saída deste partido do governo, chega inclusive a questionar se a nossa democracia foi só uma ilusão...

Como organização marxista revolucionária, avaliamos de outra perspectiva os fatos narrados por Petra. A princípio verificamos que, se os fatos históricos são em si uma aposta importante que o filme contribui, eles em si só não têm condições de explicar os processos que se constituíram. Em nenhum momento, a diretora relaciona o cenário político com as questões econômicas que viveu o país neste período.

O LULISMO E O “AVANÇO” DO PAÍS

Se Lula de fato conseguiu realizar um crescimento econômico para o Brasil, não foi apenas por benevolência e decisão de “salvar o país”, neste momento histórico a China abriu sua economia e o presidente foi perspicaz em agilizar negociações e alavancar o mercado brasileiro com as negociações com o mercado chinês, e como bem coloca uma defensora do Lula no filme: “Deixava migalhas para nós, agora não vai ter nem migalhas.”

Pois foi exatamente isso que ocorreu nesse período, criou muitos programas sociais que distribuía migalhas para a classe trabalhadora e oferecia grande parte de nossa riqueza ao grande capital. Aliás, um dos momentos mais interessantes deste documentário é justamente a sucessão de vídeos de Lula em suas campanhas eleitorais de 1989 até 2002, e as mudanças vertiginosas dos seus discursos, que iam desde o enfrentamento aos empresários até

na eleição em que saiu vitorioso com o discurso de governar junto com estes para trazer maiores benefícios para todas as camadas sociais do país.

MAS...E A LUTA DE CLASSES?

A análise marxista básica nos respalda numa compreensão do que é a luta de classes e de que essa conciliação nunca proporcionará resultados reais, visto que trabalhadores e burgueses possuem interesses opostos e só o enfrentamento entre as classes é que pode trazer mudanças significativas.

Mas para Petra e boa parte da militância petista e apoiadores, essa análise não existe ou é acobertada. Ignoram a luta de classes e buscam suas análises no politicismo, não entendendo que essa conciliação com os empresários como algo grave e inviável, mas entendem como uma necessidade de governabilidade para continuar mantendo o sonho do avanço da democracia (burguesa) e a ajuda aos pobres. Mantêm a lógica do assistencialismo e rejeita (ainda que não explicitamente), o processo de fortalecimento da classe trabalhadora.

DEMOCRACIA BURGUESA EM VERTIGEM...

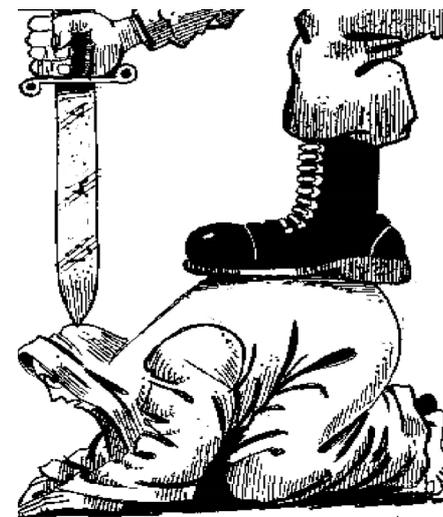
Também precisamos destacar os fatos que o documentário apresenta sobre a forma que ocorreu o impeachment e a prisão de Lula, com explícitos episódios de parcialidade entre as investigações dos petistas, sendo atacados (e junto, a crítica à esquerda, o comunismo, as bandeiras vermelhas...) e terem ignorados provas contra outras figuras como Aécio Neves. Nada de novo sob o sol, a democracia burguesa, ainda que uma conquista importante, nunca garantirá plenos direitos quando não lhe convêm, e assim vemos em inúmeros casos contra a classe trabalhadora, e ficaremos como exemplo apenas o caso de Rafael Braga, preso por portar uma garrafa de “Pinho Sol”, durante as manifestações de junho de 2013, no governo do PT, diga-se de passagem.

Se muitos dos fatos narrados trazem com precisão elementos históricos desses processos contra o PT, Petra não faz tanta precisão assim, coloca o discurso de que esse ataque surgiu a partir do enfrentamento de Dilma “Coração Valente” em seu segundo mandato aos banqueiros com redução da taxa de juros, porém não mostra que nesse período buscou alianças com o setor financeiro como colocar Joaquim Levy como Ministro da Fazenda e Kátia Abreu, a “rainha da motosserra”, como Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, mostrando que o PT não saiu por não querer governar para os ricos, mas por não ser capaz de aplicar os planos na velocidade exigida pela burguesia.

E mesmo com o impeachment, Dilma fez questão de manter fidelidade à burguesia, implementando a Lei Antiterrorismo e vários outros ataques, mostrando o seu lado no jogo político e por isso sendo “beneficiada” ao não sofreu as sanções jurídicas e eleitorais que um impeachment deve fazer, como consta na Constituição, pois poderia se candidatar novamente numa eleição. Porém, essas importantes informações não apareceram no documentário.

Também não vimos importantes processo de fato, da luta de classes, como as mobilizações contra a Copa do Mundo, duramente reprimidas em 2014, as ocupações das escolas pelo país em 2015 e 2016, além da forte Greve Geral em 2017 contra a Reforma da Previdência de Temer.

De qualquer modo, o filme traz



um importante elemento que é a abertura da crise política do país, principalmente com o crescimento militante das ideias de direita e extrema-direita que culminou na vitória presidencial de Jair Bolsonaro.

Se o documentário se mostra numa defesa ao PT (ainda que apresente as corrupções e acordos de alguns de seus filiados), por outro lado, é um interessante registro histórico desse período recente no país, nos mostrando a fragilidade na ilusão dessa democracia burguesa.

Agora resta a nós, construir outra realidade, outra democracia....a operária!

CARITAS MATERIALISTA

MÔNICA BUARQUE

No Tempo em que eu amava
você amava a quem?
Entregou seu sangue a um coração
desinteressado
a Humanidade não percebe
seu sacrifício
até sair da caverna do seu vício

Você, desde quando ama o Amor?
Você, que ama o Amor,
quem ama você?
O Amor não ama ninguém

É preciso muita coragem
para amar a Humanidade
sangue
pele
sonho por sonho
unha
carne

Onde eu andava quando
nem sabia disso?

Nem lembro mais.